

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

ISADORA MEDAGLIA GUARNIER

**UM FOTÓGRAFO MULTIFACETADO:
produção e musealização da Coleção de Sioma Breitman**

Porto Alegre

2023

ISADORA MEDAGLIA GUARNIER

**UM FOTÓGRAFO MULTIFACETADO:
produção e musealização da Coleção de Sioma Breitman**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Museologia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Profa. Dra. Zita Rosane Possamai.

Porto Alegre
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-reitora: Profa. Dra. Patricia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-diretora: Profa. Dra. Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

Chefia Substituta: Profa. Dra. Caterina Marta Groposo Pavão

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora: Profa. Dra. Márcia Regina Bertotto

Coordenadora Substituta: Profa. Dra. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino

CIP – Catalogação na Publicação

Guarnier, Isadora Medaglia
Um fotógrafo multifacetado: produção e musealização
da Coleção de Sioma Breitman / Isadora Medaglia
Guarnier. -- 2023.
59 f.
Orientador: Zita Rosane Possamai.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. fotografia. 2. Museu de Porto Alegre Joaquim
José Felizardo. 3. Sioma Breitman. I. Possamai, Zita
Rosane, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos 2705 – Campus Saúde
CEP 90035-007 Porto Alegre/RS
Fone: (51) 3308-5067
E-mail: dci@ufrgs.br

ISADORA MEDAGLIA GUARNIER

**UM FOTÓGRAFO MULTIFACETADO:
produção e musealização da Coleção de Sioma Breitman**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharela em
Museologia, pela Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 4 de abril de 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Zita Rosane Possamai - UFRGS
Orientadora

Profa. Ma. Marlise Maria Giovanaz - UFRGS
Examinadora

Profa. Dra. Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves - UFRGS
Examinadora

“Eu considereei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.”

Rubem Braga

AGRADECIMENTOS

Quando comecei a escrever este trabalho acadêmico já imaginava a quem agradeceria no final, pensando, erroneamente, de que seria a parte mais “fácil” dessa escrita. No entanto, não é nada fácil buscar na memória, depois de tantos altos e baixos, todo o aporte externo recebido desde o início desse processo; e me refiro ao início de tudo mesmo, desde a descoberta do Curso de Museologia até o presente momento, o final.

Por isso, inicio agradecendo à minha mãe, Sônia, que me apresentou à Museologia em um momento da minha vida em que estava desorientada e desacreditada de tudo. Ao meu pai, Irineu, que incentivou essa escolha; sem eles, nada do que construí até hoje faria sentido. Obrigada por me mostrarem, desde pequena, que a vida com arte, livros, música e cinema torna tudo muito mais leve, mais prazeroso e abre caminhos. A educação recebida por eles é algo que, em qualquer oportunidade que tenho, agradeço e enalteço. À minha irmã Rafaela, sempre protetora, amiga e atenta aos meus anseios e necessidades.

Sempre fui uma pessoa de poucos, mas bons amigos. Na vida acadêmica não poderia ser diferente. Agradeço à Cristine Hobus e ao Luis Fernando Massoni por me acompanharem nessa jornada; o incentivo deles nos piores momentos, a solidariedade e conforto me deram um gás que nem eu imaginava ter.

À minha orientadora Zita Possamai, por sua competência e interesse pelo assunto que me guiaram a descobertas fascinantes sobre Sioma Breitman. Sua fonte intelectual inesgotável de autores, livros e dissertações tornou o desenrolar da escrita muito mais instigante.

Ao Museu de Porto Alegre e à equipe (especificamente à Karina, que me ajudou no que precisei desde o início, alguns meses atrás, em trocas de e-mails), todo meu agradecimento pela colaboração e fornecimento dos documentos sobre o Sioma.

Por fim, agradeço à toda família Breitman que me auxiliou: Elisabete, Lúcio e Márcia. Obrigada por abraçarem esse trabalho junto comigo; evocar certas lembranças e remexer em um passado tão distante nem sempre é a mais confortável das tarefas. Sou grata pelo acolhimento e pela empatia de todos.

RESUMO

Apresento aspectos da biografia de Sioma Breitman, fotógrafo de origem judaica nascido na Ucrânia, naturalizado brasileiro, que construiu parte de sua carreira artística no Rio Grande do Sul e parte de sua carreira internacionalmente, apresentando exposições por diversos lugares do mundo. Abordo sua chegada à capital gaúcha, pós Revolução Russa, seu reencontro com a família, até sua estabilização no bairro Bom Fim, em Porto Alegre. Ressalto que sua produção fotográfica permeou diversas características - fotografias de estúdio, fotografias de rua e de paisagens da cidade de Porto Alegre, retratos e inusitados nus de mulheres. Identifico essas imagens e analiso o processo de musealização de parte da coleção do fotógrafo, ocorrido na década de 1980, e sua incorporação ao acervo da Fototeca do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, que recebeu seu nome. Para compreender este processo de musealização de suas obras, utilizei entrevistas, imagens, documentos, teses e dissertações. Através desse apanhado de materiais, procurei ressignificar o legado fotográfico de Sioma Breitman, compreendendo sua trajetória, desde a saída da Ucrânia, até sua chegada ao Brasil, onde foi moldando sua história e construindo uma carreira sólida e notória, tanto no estado em que se firmou com a família (Rio Grande do Sul), quanto no exterior.

Palavras-chave: fotografia; Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo; Sioma Breitman.

ABSTRACT

I present aspects of the biography of Sioma Breitman, a photographer of Jewish origin born in Ukraine, naturalized Brazilian, who built part of his artistic career in Rio Grande do Sul (between the 19th and 20th centuries) and part of his career internationally, presenting exhibitions in different places in the world. I discuss his arrival in the capital of Rio Grande do Sul, after the Russian Revolution, his reunion with his family, until his stabilization on the neighborhood called Bom Fim, in Porto Alegre. I emphasize that his photographic production permeated several characteristics - studio photographs, street/landscape photographs of the city of Porto Alegre, portraits and unusual nudes of women. I identify these images and analyze the musealization process of part of the photographer's collection, which took place in the 1980s, making them part of the *Fototeca of the Joaquim Felizardo Museum in Porto Alegre*, which received his name. To understand this process of musealization of his works, I used interviews, images, documents, theses and dissertations. Through this collection of materials, I sought to re-signify Sioma Breitman's photographic legacy, understanding her trajectory, from leaving Ukraine to her arrival in Brazil, where she shaped her history and built a solid and notorious career, both in the state in which she was signed with the family (Rio Grande do Sul), and abroad.

Keywords: Joaquim Felizardo Museum of Porto Alegre, photography, Sioma Breitman.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fotografia do artista plástico João Fahrion, século XX.....	16
Figura 2	Fotografia do escritor Érico Veríssimo, século XX.....	16
Figura 3	Cópia da autobiografia de Sioma Breitman, “Respingos de revelador e rabiscos” (1976).....	18
Figura 4	Cópia da autobiografia de Sioma Breitman, “Respingos de revelador e rabiscos” (1976) com autorretrato feito por Sioma na capa.....	19
Figura 5	Ida e Nathan Breitman com os cinco filhos, ainda em Olgopol, Rússia.....	21
Figura 6	“João Ninguém”, por Sioma Breitman.....	26
Figura 7	“Súplica”, por Sioma Breitman.....	27
Figura 8	Sioma Breitman com sua Rolleiflex.....	28
Figura 9	Retrato de uma noiva da alta sociedade, por Sioma Breitman.....	31
Figura 10	Retrato de Lucila Di Primio, maio de 1953, fotografada em sua casa, por Sioma Breitman em sua casa.....	32
Figura 11	Retrato de noiva, metade do século XX (1951).....	33
Figura 12	Retrato de noiva, metade do século XX (1950/1960).....	33
Figura 13	Retrato de Elizabete Breitman com seu marido, Irineu Breitman, filho de Sioma, na década de 1960.....	34
Figura 14	Artistas performáticos no Teatro São Pedro, Porto Alegre/RS.....	35
Figura 15	Peça teatral, Teatro São Pedro, Porto Alegre/RS.....	36
Figura 16	Enchente de 1941, em Porto Alegre I.....	37
Figura 17	Enchente de 1941, em Porto Alegre II.....	37
Figura 18	“Doca das frutas”, década de 1950.....	39
Figura 19	“Vendedor de balões”.....	40
Figura 20	“Cais do Porto”, século XX.....	40
Figura 21	“A margem de tudo”, 1950.....	41
Figura 22	Fotografia de nu artístico, por Sioma Breitman I.....	44
Figura 23	Fotografia de nu artístico, por Sioma Breitman II.....	45
Figura 24	Fotografia de nu artístico, por Sioma Breitman III.....	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	SIOMA BREITMAN: REVOLUÇÃO, CÂMERA E REDENÇÃO.....	14
2.1	A Revolução Russa e a imigração como sucessão.....	19
2.2	América Latina: novos horizontes.....	23
3	O OLHAR DE SIOMA E A MUSEALIZAÇÃO DE SUAS COLEÇÕES.....	28
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	50
	ANEXO A – FOLDER PERTENCENTE AO PORTFÓLIO DE SIOMA BREITMAN DE PROPRIEDADE DO MUSEU DE PORTO ALEGRE.....	52
	ANEXO B - APROVAÇÃO PELA PREFEITURA DE PORTO ALEGRE PARA A CRIAÇÃO DA PLACA LOCALIZADA NO BAIRRO RIO BRANCO COM O NOME DE SIOMA BREITMAN, EM 1981.....	53
	ANEXO C - TERMO DE RESPONSABILIDADE PARA UTILIZAÇÃO DE REPRODUÇÕES DE FOTOGRAFIAS DO ACERVO DO MUSEU DE PORTO ALEGRE.....	54
	APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES DE ENTREVISTA COM LÚCIO BREITMAN, EM DEZEMBRO DE 2022.....	55
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	56

1 INTRODUÇÃO

Quando digo que a fotografia foi um dos meus primeiros arrebatamentos, pequena ainda, naquele despertar em que a maioria das crianças começam a evidenciar certa aptidão para algo, estarei mentindo ou simplesmente deixando para trás uma parte importante da minha infância. Meu *insight* inicial foi para o desenho. Seguramente, meu primeiro fascínio e contato com as Artes. Eu criava histórias numa escala frenética de produção, colocadas em diversos blocos de desenho. Até hoje guardo como recordação boa parte dessas histórias que resistiram a incontáveis mudanças de apartamentos, cidade etc. Até o início da minha adolescência, tinha convicção que seguiria por este caminho acadêmico/profissional/artístico.

No entanto, foi com a descoberta da Sétima Arte, aos 14, 15 anos de idade, que fui deixando de escanteio o “sonho de ser artista plástica”. O encantamento pelo Cinema me afastou de imediato das produções aceleradas de desenho, que cederam lugar a intermináveis sessões assistindo obras primas de nomes como Woody Allen, Bergman, Scorsese, Billy Wilder, Truffaut, Fellini entre tantos outros grandes diretores que me abriram um mundo de beleza, incongruentes enquadramentos e cores, e, sobretudo, me proporcionaram muita cultura e entretenimento - me proporcionam até hoje quando revisito suas obras antigas e quando descubro novos cineastas e filmes, de uma indústria em constante produção e renovação. Além de despertarem em mim a paixão pela fotografia, finalmente o fio condutor para este Trabalho Acadêmico.

Assistir a clássicos do Cinema me aproximou cada vez mais da arte de fotografar. Cada *frame* arrebatador me inspirava a pegar uma câmera - que fui adquirir um pouco mais tarde, aos 20 anos - e registrar tudo que, na minha concepção de beleza, poderia se tornar uma foto incrível. Fui atrás de livros sobre fotografia e fotógrafos, fiz um curso básico, em 2014, para me familiarizar com o equipamento e, a partir desta experiência, nunca mais tive outro interesse além da fotografia. Minhas primeiras influências foram nomes estrangeiros como Robert Capa, Henri-Cartier Bresson, Robert Doisneau, William Klein, Vivian Maier, Eve Arnold entre tantos(as) outros(as) que me abriram um caminho de admiração infinita e tornaram-se minhas referências. Dos fotógrafos brasileiros o que mais se destacava, à época de minhas descobertas, era Sebastião Salgado.

Quanto aos fotógrafos gaúchos, não tinha conhecimento de nenhum, a não ser por nomes que registraram uma Porto Alegre em constante crescimento

urbano/arquitetônico e social, nos séculos XIX e XX e que, por ilustrarem diversos livros de História - além, claro, de fazerem parte do acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre - possuem fácil acesso para pesquisas. Jacinto Ferrari, em 1871, e Virgílio Calegari, em 1885, eram, sem dúvida, os fotógrafos mais atuantes em Porto Alegre nesses períodos. Ambos foram pioneiros em criar seus estúdios fotográficos na cidade e que eram fundamentados, basicamente, na arte do retrato e das vistas urbanas. Os Ferrari e Calegari tiveram grande importância na produção fotográfica na cidade até os anos 1930, período que marca uma nova etapa na História da fotografia na cidade, dando lugar a nomes como Olavo Dutra e Sioma Breitman. Outros profissionais também estão marcados na memória visual oitocentista dos gaúchos, como Luiz Terragno (1853) e Otto Shönwald (1880). (MASSIA, 2008).

O nome de Sioma Breitman me era desconhecido até início de 2022, quando conheci o fotógrafo através da exposição “Sioma, o retratista de Porto Alegre”, promovida pelo Centro Cultural Farol Santander, localizado no Centro Histórico de Porto Alegre, em fevereiro de 2022. Completamente maravilhada, atônita, boquiaberta, ou qualquer outro sinônimo que se encaixe no magnetismo potente dessa exposição, como entusiasta da fotografia, me senti na obrigação de buscar sua história de vida e de seus trabalhos. O curador da mostra, Fernando Bueno, comenta:

Sioma foi grande, um dos maiores, senão o maior fotógrafo que já viveu no Rio Grande do Sul, estado que ele adotou como seu. Percorreu a terra gaúcha em lombo de burro, de trem, de carro. Abriu estúdios no interior e na capital, sempre à procura da melhor luz para suas fotos. (BUENO, 2022, sem página).

Sioma Breitman entra para o cenário da fotografia no Rio Grande do Sul trazendo modernização e mudanças relevantes na forma de se consumir e produzir fotografia, sem deixar de lado o legado dos irmãos Ferrari e Caligari, com os retratos de estúdio, mas adicionando estilos e técnicas diferentes para estas fotografias. Vale lembrar que a demanda da sociedade era outra, a partir dos anos 1940: eventos políticos, casamentos, aniversários e novas oportunidades de trabalho na imprensa e na publicidade cresciam. Revistas, jornais e álbuns cada vez mais davam protagonismo para as imagens nas suas manchetes, capas e conteúdos (MASSIA, 2008). Como bem exemplifica Zita Rosane Possamai acerca do desenvolvimento e importância da imagem:

Desse modo, da câmera escura ao daguerreótipo e deste aos processos de impressão fotomecânica, que permitiram a impressão de imagens fotográficas em milhares de exemplares - jornais, revistas, álbuns, cartões postais -, a fotografia só fez aumentar seu público consumidor. Dos cartões postais chegou-se rapidamente aos álbuns fotográficos, suportes interessantes para análise das imagens de temática educativa. Editados com os mais variados objetivos e tendo características também bastante diversas, os álbuns constituíram-se em veículos de representações criadas sobre determinada temática ou objeto. Os álbuns fotográficos estiveram presentes em momentos comemorativos em diferentes contextos brasileiros, sendo um dos objetos produzidos ao lado de festividades, paradas militares, exposições. (POSSAMAI, 2015, p. 133).

Ao passo que a sociedade se modernizava, equipamentos novos, de fácil manuseamento e mobilidade surgiam, como as câmeras portáteis, a exemplo de Rolleiflex e Leica, imortalizadas pelo fotojornalismo, que facilitavam o trabalho dos fotógrafos fora dos estúdios.

Sendo assim, a escolha por Sioma Breitman para esta pesquisa, dentre tantos outros nomes mencionados acima, que marcaram a memória de Porto Alegre com suas imagens, foi uma escolha fundamentada principalmente pelo encantamento que tive ao ver expostas suas fotografias no Farol Santander e que despertaram uma imensa curiosidade sobre outros aspectos da vida deste artista. Além, claro, da história de parceria de sua família com o Museu de Porto Alegre.

Dentre tantos temas e produções de Sioma, se destaca a enchente de 1941. Seria esse, a princípio, o recorte principal dessa pesquisa acadêmica. Porém, devido às escassas fontes encontradas a respeito dessas imagens produzidas por ele, fiquei sem amparo empírico. Mesmo no próprio Museu de Porto Alegre, de onde partem minhas principais imagens, são poucas fotografias que encontrei para sustentar esse trabalho: das 85 imagens fotográficas doadas pela família, apenas 3 fazem referência à enchente. Sendo assim, redirecionei meu enfoque, embora seja quase impossível falar de Sioma Breitman e delimitar apenas um traço na sua carreira.

Desse modo, para o presente trabalho, foram levantados documentos escritos, áudios-visuais e orais, fornecidos pelo Museu de Porto Alegre, como as fotografias de Sioma, seu antigo portfólio de trabalho, folhetos de exposições internacionais, entre outros. Foram utilizadas duas entrevistas: a primeira, foi realizada, em meados dos anos 1990, por Zita Possamai (2001) com um de seus dois filhos, o médico Samuel Breitman; a segunda, com seu neto Lúcio Breitman, feita por mim em 2022.

Na pesquisa bibliográfica e documental, descobri um Sioma multifacetado: do artista de estúdio, que iniciou sua carreira fotografando as noivas da *high society* porto-alegrense, direcionando seus trabalhos a retratos de famosos do cenário cultural e político dos anos 1940 e 1950, fotografias de paisagens e da vida cotidiana de Porto Alegre expostas internacionalmente, até os inéditos e vanguardistas nus, a despeito de uma época conservadora como a de 1950.

Tais descobertas incitaram em mim alguns questionamentos: qual sua relevância histórica e documental para a memória visual da cidade de Porto Alegre, entre tantos outros nomes relevantes antecessores a ele? Qual a relação da família Breitman com o Museu de Porto Alegre e os meandros que o levaram a se tornar um dos grandes nomes a compor seu acervo, além de receber o nome de Fototeca Sioma Breitman? Quais foram os critérios de musealização de suas obras?

Existem muitos trabalhos acadêmicos que versam sobre fotografia; desde seu surgimento até suas diversas formas de expressão artística e uso histórico/social, ao longo das décadas. Como cita o fotógrafo francês Robert Doisneau¹ em uma de suas célebres frases de 1960, “eu não fotografo a vida como ela é, mas a vida como eu gostaria que fosse” (FILM'S NOT DEAD, 2013), entende-se que o fotógrafo possui esse “poder” de mascarar a realidade. Muitas vezes. Sioma conseguiu este feito mediante intitulação de artista-fotógrafo (MASSIA, 2008), e fazendo uso dessa qualidade na produção de suas imagens memoráveis e transgressoras.

Dentre alguns estudos identificados para me ajudar a desenvolver este trabalho, é importante ressaltar a contribuição de Rodrigo de Souza Massia (2008), que analisa em sua dissertação “Fotógrafos, espaços de produção e usos sociais da fotografia em Porto Alegre nos anos de 1940 e 1950”, parte da cultura visual na capital gaúcha pelo viés da fotografia. Algumas das fontes que o autor se baseou para escrever sobre o assunto foram depoimentos orais de fotógrafos que atuaram profissionalmente nesses períodos, além do livro autobiográfico de Sioma Breitman (1976). Massia procurou compreender quais eram esses mecanismos sociais produzidos pela fotografia e, conseqüentemente, as possibilidades de atuações desses fotógrafos na época em que viveram.

¹ Robert Doisneau foi um pioneiro no fotojornalismo, nascido na cidade de Gentilly, Val-de-Marne, na França. Era um apaixonado por fotografia de rua, registrando a vida social das pessoas que viviam em Paris e em seus arredores. (FILM'S NOT DEAD, 2013).

Com seu livro “Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre”, a Profa. Dra. Zita Rosane Possamai (2001) contribuiu para o presente trabalho acadêmico, trazendo certos acontecimentos da vida de Sioma Breitman, a partir da entrevista acima mencionada. Dentre estes acontecimentos, a origem da parceria da família Breitman com o Museu de Porto Alegre e, sobretudo, como se deu a evolução artística de Sioma na cidade.

Outras autoras relevantes que incluí nas seguintes páginas foram Christine Fortes Lia e Katani Maria Monteiro Ruffato, ambas gaúchas de Caxias do Sul, que dedicaram-se a estudar sobre a imigração judaica no Brasil. No artigo “Literatura e escrita autobiográfica como registro de experiências sensíveis: a trajetória de Sioma Breitman” (2019), as autoras esmiúçam o processo de vinda da família Breitman, bem como as relações políticas e ideológicas que envolveram o processo de chegada e instalação de judeus no Brasil.

A pesquisadora Ana Maria Mauad (2008) me auxiliou na compreensão da fotografia como fonte de análise social da história, sendo ela (a fotografia) o fio condutor de seus ensaios autônomos. Nas palavras da autora, “[...] as imagens nos contam histórias, atualizam memórias, inventam vivências, imaginam a história. Esse é o campo que define a ordem do visível (e do invisível).” (MAUAD, 2008, p. 20).

O conceito de musealização foi relevante para caracterizar a aquisição pelo Museu de parte da coleção do fotógrafo. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

A fim de categorizar seus trabalhos e compreender suas facetas como fotógrafo - tendo em vista que foram cinco décadas exercendo este ofício, até conquistar um merecido espaço em uma Fototeca de Museu - este trabalho acadêmico está estruturado em três seções: sendo a primeira delas esta introdução, em que exponho minha motivação ao tema da fotografia e a escolha por Sioma. Na segunda apresento, efetivamente, Sioma Breitman, sua biografia, o processo de migração da Ucrânia ao Brasil, até sua chegada a Porto Alegre. Na terceira seção faço uma análise do olhar do artista-fotógrafo, a partir de suas imagens fotográficas e, por fim, analiso o processo de musealização de suas obras no Museu de Porto Alegre.

2 SIOMA BREITMAN: REVOLUÇÃO, CÂMERA E REDENÇÃO

Antes de discorrer como o fotógrafo de origem judaica chegou ao Brasil, penso ser mais oportuno nesta seção apresentá-lo; quais foram os feitos de Sioma Breitman e como cresceu profissionalmente na fotografia, acumulando prêmios e reconhecimento internacional. Nas subseções seguintes (2.1 e 2.2), abordarei sua jornada como imigrante e as circunstâncias que o levaram a abandonar seu país de origem, a Ucrânia (junto de sua família), até sua chegada à América Latina (primeiramente sozinho, depois recebendo a família).

Por meio de entrevistas feitas com seus familiares - a primeira delas ocorreu no final dos anos 1990, com seu filho Irineu Breitman², e a segunda, em 2022, com seu neto Lúcio Breitman³ - foram evocadas algumas memórias e a relação do fotógrafo com a cidade de Porto Alegre, onde morou até o final de sua vida. Utilizarei também a autobiografia de Sioma (BREITMAN, 1976), dissertações, livros e artigos de autores que trataram a história do fotógrafo em seus escritos.

Nascido na cidade de Olgopol, na Ucrânia, em 1903, filho mais velho de Ida Breitman e Nathan Breitman, Sioma Breitman foi um dos fotógrafos pioneiros a registrar mudanças sociais importantes com suas paisagens urbanas de Porto Alegre e demais cidades por onde passou, entre o início da década de 1920 e 1970, quando se aposenta. Não obstante, foi o Rio Grande do Sul o Estado em que ele e sua família escolheram para viver, logo após migrarem para o Brasil por decorrência da forte perseguição a judeus que acontecia no período posterior à Revolução Russa, de 1917.

O início de sua carreira deu-se pelo retoque de negativos, antes mesmo de chegar à América do Sul; com esse ofício, o jovem aspirante a fotógrafo já começava a trilhar seu futuro. Seus primeiros retratos - sublimes registros de noivas da alta sociedade porto-alegrense (entre os anos de 1940, 1950 a 1960) - foram feitos no estúdio de seu pai, o Foto Aurora, localizado no bairro Bom Fim, em Porto Alegre.

² Esta entrevista realizada por Zita Rosane Possamai foi gravada em fita cassete, transcrita e depositada na biblioteca do Museu de Porto Alegre, juntamente com as demais entrevistas de sua dissertação. Para ter acesso ao conteúdo, tendo em vista a não localização desses registros pelo museu, essa conversa foi retranscrita por mim, em janeiro de 2022, por meio de um gravador.

³ Essa entrevista foi realizada no escritório de Lúcio Breitman, em Porto Alegre, e gravada com um celular.

Após a morte do pai, Sioma assume o estúdio. Além do Foto Aurora, montou outros estúdios em cada cidade por onde passou, como Cachoeira do Sul e Santa Maria. Segundo consta em sua autobiografia, no Estúdio Sioma, localizado na Rua dos Andradas no Centro de Porto Alegre, eram feitos os tradicionais retratos e também revelações, lembranças de aniversários e casamentos. Era, sobretudo, um lugar de sociabilidade onde vários fotógrafos se encontravam. O retrato artístico, como forma de distinção social, ficava visualmente gravado em sua vitrine por meio de um *slogan* publicitário: “Para o melhor retrato procure Sioma. Para um retrato artístico... Sempre Sioma”. (MASSIA, 2008, p. 120).

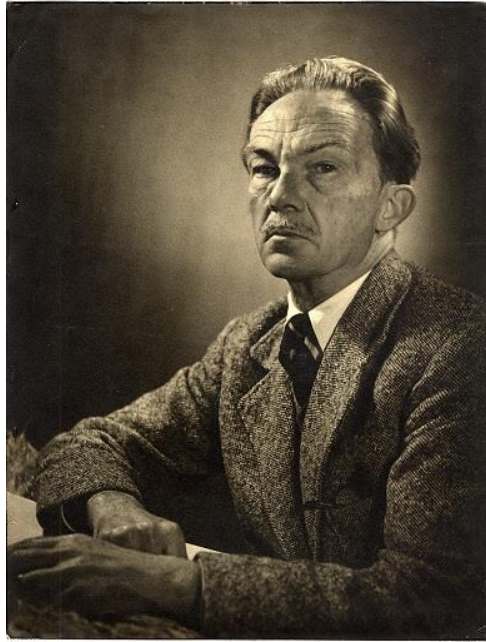
O artista-fotógrafo, como era reconhecido no seu meio, incentivava o exercício da fotografia como forma de expressão artística, acima de tudo. Neste contexto em que ele se inseriu, marcado pelo crescimento e especialização da atividade fotográfica, algumas associações foram criadas para promoverem melhor esse ofício e disponibilizarem mais suporte aos fotógrafos que começavam a entrar para esse cenário. Em 1946 surgiu a Associação dos Fotógrafos Profissionais do Rio Grande do Sul (AFPRGS), que durou até 1954 e teve como principais líderes Sioma Breitman e Olavo Dutra (MASSIA, 2008), fotógrafos de tradição da época. Sobretudo, era um espaço de valorização da atividade fotográfica. E em 1951 criou-se o Foto Cine Clube Gaúcho, com foco nas atividades amadoras.

Com essa veia artística sempre pulsante, Sioma ainda destinou seu tempo à pintura e ao cinema amador, como relata seu filho Samuel:

Então, quando ele morava em Santa Maria, ele criou o cine jornal Aurora. Ele filmava todos os eventos da cidade e depois ele passava na vitrine da fotografia. E a rua fechava e ficava o público assistindo da rua. O projetor ficava atrás da tela. Isso na década de 30. (POSSAMAI, 2001, p. 81).

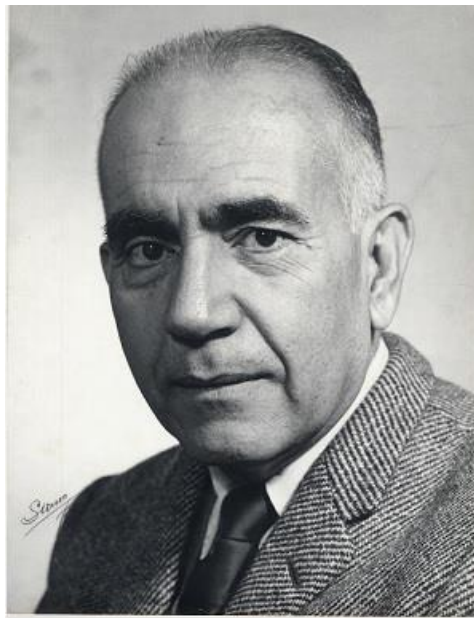
Em meados dos anos de 1950 e 1960, Sioma se aventurou a acompanhar o crescimento de Porto Alegre, registrando o cotidiano de pessoas comuns que passavam na calçada de seu estúdio, o dia-a-dia de trabalhadores, crianças, além de célebres nomes da sociedade e da política brasileira como Getúlio Vargas, Luís Carlos Prestes, o artista plástico João Fahrion (figura 1, f. 16), os escritores Érico Veríssimo (figura 2, f. 16) e Jorge Amado, o maestro Heitor Villa-Lobos, entre tantos outros.

Figura 1 - Fotografia do artista plástico João Fahrion, século XX



Fonte: acervo da Fototeca Sioma Breitman, Museu de Porto Alegre, sem data.

Figura 2 - Fotografia do escritor Érico Veríssimo, século XX



Fonte: acervo da Fototeca Sioma Breitman, Museu de Porto Alegre, sem data.

Sem deixar de lado a nobre arte do retrato, Sioma desfrutava dessas novas possibilidades de trabalho fora dos estúdios fotográficos. Registrou, inclusive, a

enchente que assolou a capital gaúcha, entre abril e maio de 1941. Essa Porto Alegre inverossímil debaixo d'água ficou marcada na história da cidade⁴.

Um fotógrafo que possui uma trajetória artística que perpassa estilos diferenciados e multifacetados - que irei abordar nas seguintes páginas -; estilos que dialogam com um período e uma sociedade em constante mudanças, merece uma atenção mais minuciosa.

O legado fotográfico de Sioma Breitman e, por consequência, o processo de musealização de suas fotografias me fizeram compreender sua grandiosidade artística. Sioma apresentou, acima de tudo, o Rio Grande do Sul para o Mundo, ao ter seu trabalho divulgado através de exposições individuais em Buenos Aires, Lisboa, Madrid, Paris, Roma, Tel Aviv, Jerusalém e Nova Iorque.

Em 1957, Sioma ganha importante reconhecimento da *Fédération Internationale de L'art Photographique* (FIAP), com o certificado entregue a ele como prova de sua competência e como publicidade da qualidade de seus trabalhos como fotógrafo (MASSIA, 2008). Segundo Sioma, a indicação partiu do Foto Cine Clube Bandeirante de São Paulo, o que demonstrava o reconhecimento da fotografia vanguardista daquela época no Brasil.

Ao escrever seu livro de memórias - já no final de sua vida -, intitulado "Respingos de revelador e rabiscos"⁵, Sioma tinha como pretensão inicial deixar como herança para seus netos e bisnetos histórias sobre a saga de sua família que superou dificuldades, desde que partiu de uma Europa em guerra, até a chegada ao Brasil. No entanto, com seu relato intimista e uso de ironia e humor em certos momentos, Sioma demonstra um viés de narrativa histórica, em que agrega referências literárias e análises de cunho histórico e antropológico. (MASSIA, 2008).

Apenas algumas cópias de sua autobiografia permaneceram com a família, estando uma delas de posse dos netos, Lúcio Breitman e Márcia Breitman. Em uma entrevista concedida a mim, em seu escritório de arquitetura localizado no bairro

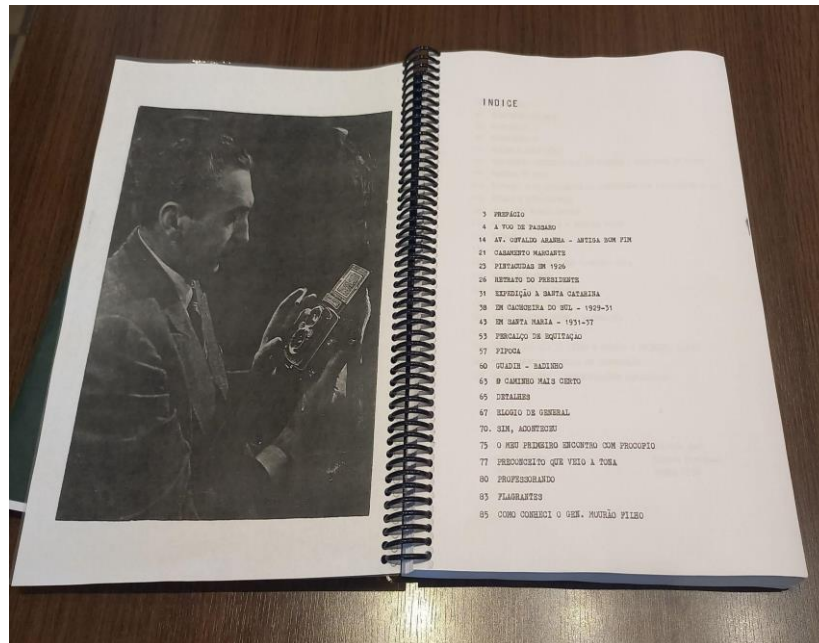
⁴ Sobre a enchente de 1941 em Porto Alegre, ver Guimarães, A enchente de 41, editora Libretos (2013). O autor apresenta imagens da cidade sob as águas, incluindo as fotografias de Sioma Breitman.

⁵ A autobiografia de Sioma Breitman foi escrita em 1976 e editada por Irineu Breitman, filho do autor, em 2019. Apresenta 166 páginas, cuja capa é o autorretrato do fotógrafo, feito em 1919, e encontra-se no acervo particular da família Breitman. A obra não contou com a parceria de nenhuma editora, sendo seu acesso ainda feito em uma edição caseira, com as folhas batidas à máquina e as fotografias fotocopiadas ao longo do livro, utilizadas como ilustração dos temas abordados pelo fotógrafo.

Auxiliadora (Porto Alegre), Lúcio mostrou com orgulho a cópia dos escritos de Sioma que ainda permanece com a família (figuras 3 e 4, f. 18 e 19). Na ocasião, ao ser perguntado sobre sua relação com o avô fotógrafo, Lúcio comentou:

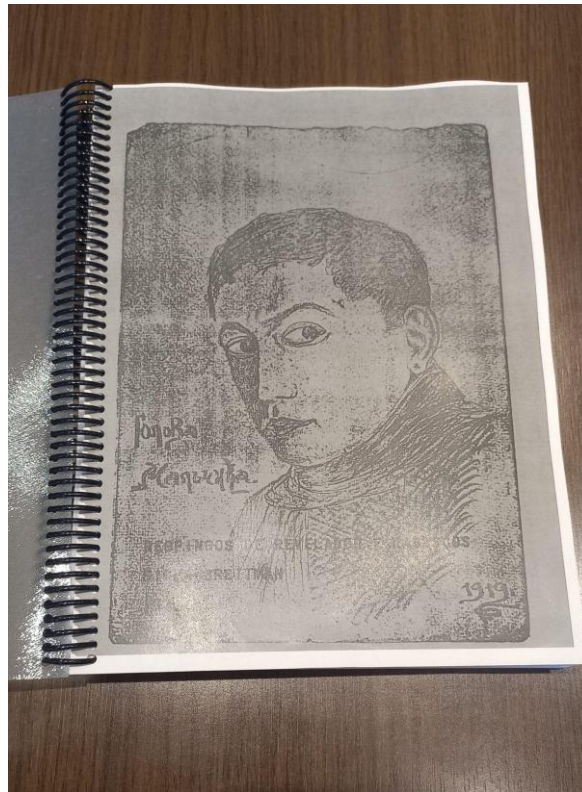
Ele faleceu em 1980, quando eu tinha 10 anos. Convivi, convivi. [...] O Sioma era um avô diferente né, mas nós tínhamos uma afinidade. Eu sempre gostei de desenhar, então a gente tinha uma ligação pelo desenho. Teve um período, no final, quando ele já tava doente, ele morou um período na casa dos meus pais e um período na casa do meu tio. Então, nessa época que ele morou lá, a gente conviveu bastante, e nesse período a gente tinha essa troca. (BREITMAN, 2022, entrevista).

Figura 3 - Cópia da autobiografia de Sioma Breitman, “Respingos de revelador e rabiscos” (1976)



Fonte: reprodução pela autora (2023).

Figura 4 - Cópia da autobiografia de Sioma Breitman, “Respingos de revelador e rabiscos” (1976) com autorretrato feito por Sioma na capa



Fonte: reprodução pela autora (2023).

Com esses escritos, Sioma Breitman revelou memórias íntimas e sofridas de um período marcante de sua trajetória; porém, o tom de resiliência e superação nas suas palavras revela um homem que, ao longo dos anos, soube reestruturar sua vida e se adaptar em um novo país. A seguir, disserto sobre o período de transição da família Breitman: o processo de imigração e seu caminho tortuoso até chegar ao Brasil.

2.1 A Revolução Russa e a imigração como sucessão

Nenhum processo de imigração é fácil de se atravessar. Se falarmos de meados da década de 1920, pós Revolução Russa de 1917, em que dezenas de pessoas sofreram perseguições políticas e sociais, a jornada torna-se mais desafiadora por conta das precárias e exaustivas viagens marítimas que eram feitas à época.

O cenário no leste europeu era de constantes lutas entre facções políticas e minorias étnicas; esse clima nada amistoso foi gerado a partir da revolução que tirou do poder central o regime czarista na Rússia, em 1917. Na Ucrânia (que havia declarado independência da Rússia), criavam-se diferentes vias partidárias. Sioma Breitman conta em suas memórias que “[...] eles se dividiam em verdes, vermelhos e brancos e, em geral, em grupos de ex-militares e simplesmente grupos de pseudo-políticos.” (BREITMAN, 1976, p. 4). Esses grupos praticavam assaltos aos habitantes de pequenas cidades, vilas e estradas. Naturalmente, lembra o fotógrafo, “[...] as vítimas prediletas eram os judeus, estes em grande maioria habitantes de várias zonas da Ucrânia.” (BREITMAN, 1976, p. 4).

Sendo assim, a família de Sioma Breitman vê-se obrigada a deixar suas origens na cidade de Olgopol (Ucrânia) e traçar novos rumos para suas vidas, longe da hostilidade e perversidade da guerra. A partir dos escritos autobiográficos do fotógrafo, Christine Fortes Lia e Katani Maria Monteiro Ruffato (2019) descrevem o processo que foi a viagem de migração do fotógrafo e sua família.

Os processos imigratórios concretizam relações familiares, comunitárias, de grupo e de história comum, uma vez que as experiências deixam de ser individuais e passam a ser coletivas. A pressão para deixar a localidade de nascimento e a ideia de transitar pelo mundo possibilita a constituição de um novo tipo de consciência: a de um registro pessoal que passa a compor a história de toda uma comunidade. Dessa forma, as migrações criam consciências biográficas e autobiográficas. (LIA; RUFFATO, 2019, p. 13).

O primeiro destino de Sioma e sua família - o pai Nathan, a mãe Ida e os outros 4 irmãos mais novos (figura 5, f. 21), foi rumo à cidade de Rashkov, às margens do rio Dnester, fronteira com a Bessarábia que era, até 1917, uma província russa e foi ocupada pela Romênia após a Primeira Guerra Mundial (LIA; RUFFATO, 2019). A viagem foi feita em uma carroça de camponeses e, em seus escritos, Sioma faz uma narrativa carregada de emoção e detalhismo sentimental potentes sobre esse primeiro choque com a nova realidade:

Iniciou-se a viagem. Receios não faltavam. O perigo rondava em toda parte. Era uma viagem clandestina. Assim, devagar, atravessamos a nossa cidadezinha; na passagem, em certos lugares, vimos pela última vez, a escola e o ginásio no qual eu e meu irmão mais jovem estudávamos. [...] levamos mais ou menos um dia até chegar em Rashkov. Cidade bem pequena havia, porém, nela, muitos “viajantes”

como nós. Com dificuldade conseguimos um alojamento numa casa particular, uma peça para toda a família. (BREITMAN, 1976, p. 4-5).

Precariamente alojados em uma única peça que servia de ocupação para todos, Sioma e família partem para conseguir alguma fonte de sustento que pelo menos lhes mantivessem dignamente em Rashkov até o próximo destino. Tiveram êxito como colhedores de fumo, Sioma e seus irmãos, cuja atividade consistia em arrancar as folhas e enfiá-las em agulhas compridas (LIA; RUFFATO, 2019). “No fim do trabalho nossas mãos ficavam cobertas de gosma grudenta que a planta soltava no lugar da separação da folha do caule.” (BREITMAN, 1976, p. 4-5). Eles seguiram com essa atividade durante um mês, até chegar o dia em que se deslocaram novamente para outra cidade, junto com seus pais, cruzando a fronteira do rio Dnester. (LIA; RUFFATO, 2019).

Figura 5 - Ida e Nathan Breitman com os cinco filhos, ainda em Olgopol, Rússia



Fonte: Breitman (1976).

A travessia foi árdua e sistematicamente planejada: deveria ser feita em uma noite sem lua pois assim não corriam o risco de serem pegos pelos “guardas bolcheviques de um lado e romenos do outro” (BREITMAN, 1976, p. 5). A família Breitman foi auxiliada por “contrabandistas de gente”, segundo Sioma.

Usavam-se canoas pequenas e rasas, basta dizer que eu vinha ajoelhado e segurando as mãos nas bordas. Sentia nos dedos as águas do rio. A escuridão era completa, não se vislumbrava nem os companheiros da “nave”. Os remos eram movidos sem fazer o mínimo ruído em contato com a água. Felizmente, depois de mais ou menos meia hora, chegamos à outra margem (romena), sempre sem ruído e sem falar. Os guardas não estavam no lugar, subornados e não ignorando a hora da “operação” retiravam-se para mais longe (BREITMAN, 1976, p. 6).

Quando chegaram em Kishinau, capital da Bessarábia, durante a primavera de 1921 (LIA; RUFFATO, 2019), o trabalho que Sioma e seus irmãos conseguiram para sustento da família foi bastante oportuno: já que a Páscoa se aproximava, eles foram designados a carregarem cestas de *matzá*⁶, pão ázimo usado pelos judeus na semana desta celebração (GOTTFRIED, 2008). Foi uma renda que lhes proporcionou comprar “roupas de homem” pois, segundo Breitman, até então eles usavam “uniformes colegiais” (LIA; RUFFATO, 2019, p. 11). É em Kishinau que Nathan Breitman, pai de Sioma (que já trabalhava como fotógrafo antes da migração), consegue, a partir do comitê judaico de auxílio aos refugiados, trabalho para registrar a situação dos imigrantes (LIA; RUFFATO, 2019). Sioma, que já mostrava inclinação para o desenho, conseguiu seu primeiro trabalho ao lado de um fotógrafo, com quem aprendeu o retoque de negativos - tarefa, na época, feita manualmente, quase um trabalho artesanal.

O comitê judaico se mostra mais uma vez aliado da família Breitman em 1922, quando a situação na Romênia se agrava com a crise econômica e social, que obriga os refugiados a abandonar o país (LIA; RUFFATO, 2019). Sioma então com 18 anos, aventa a ideia de deixar aquele país, mesmo que de início sem os seus pais - a ideia era, mais tarde, buscar a família e levá-los para onde estivesse. Sabendo que sua condição financeira era limitada para tal feito, ele aciona o comitê judaico: a alternativa era que, para não gerar despesas com um passaporte individual, Sioma teria que concordar em ser incluído como mais um membro de uma família, constituída por uma viúva e seus seis filhos, que seguiria para a Argentina (LIA; RUFFATO, 2019). Assim iniciava-se o recomeço de Sioma Breitman, em 1922; desta vez, rumo à América Latina. E de início, sem o amparo e a companhia de seus pais e irmãos.

⁶ Pão sem fermento símbolo central de *Pessach*. Ver Gottfried (2008, p. 61).

2.2 América Latina: novos horizontes

Depois de viajarem por 31 dias em terríveis condições a bordo de uma embarcação da Companhia Francesa (LIA; RUFFATO, 2019), Sioma e a família, com quem teve de partilhar esta experiência, chegam à Argentina, em dezembro de 1922. Segundo comenta em sua autobiografia, era uma capital bastante divulgada na Europa e entre os refugiados.

Devido às constantes perseguições sofridas no leste europeu, o Movimento Sionista e a Companhia Colonizadora iniciam o processo de formação de lares nacionais na América. 14 países como Brasil, Argentina e Estados Unidos receberam imigrantes para a consolidação desse projeto. (LIA; RUFFATO, 2019, p. 6).

Era lá, inclusive, que vivia seu tio (POSSAMAI, 2001, p. 79). Porém, devido às dificuldades de comunicação da época, e por ter desembarcado tarde da noite, Sioma recorreu ao Hotel dos Imigrantes, destino daqueles que não tinham possibilidades e recursos de alojar-se na casa de parentes ou em um hotel convencional. Na manhã seguinte, ele vai à procura de seu tio que alugava parte da moradia de uma senhora, de idade já avançada, e onde residia a sua esposa e seus dois filhos. (BREITMAN, 1976).

Percebendo que as condições financeiras de seu parente eram precárias e que ele não conseguiria se manter lá por muito tempo, Sioma procura com urgência um trabalho; possuindo considerável experiência como retocador de negativos, garante um “trabalho teste” em um ateliê que lhe permitiria pagar a pensão ao seu tio (LIA; RUFFATO, 2019, p. 12). Em suas memórias, o fotógrafo menciona este ofício como uma prática similar ao de um pintor, que dá um “toque” artístico aos retratos e às vistas urbanas, a partir de manipulações diversas tanto nos negativos como nos positivos.

Com esse ofício já muito bem entranhado em sua trajetória, Sioma sente-se mais seguro para escrever à sua família e chamá-los para a América Latina também. Porém, através de trocas de cartas e conversas com seus pais, a notícia não foi das melhores: “Pelo fato de meu pai ser um inválido (sem a perna direita), não lhes foi concedido o visto para poder seguir até Buenos Aires. Com grandes dificuldades, conseguiram autorização para seguir até o Brasil.” (BREITMAN, 1976, p. 8-9). A família parte rumo à Porto Alegre, de onde nunca mais sairiam.

Sendo assim, em 1924, Sioma reencontra a família em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Foi no bairro Bom Fim que começaram suas trajetórias na capital gaúcha, criando laços profissionais e afetivos que os acompanhariam pelo resto de suas vidas.

O bairro Bom Fim, em Porto Alegre, tornou-se local de referência da comunidade judaica. A história da localidade costuma estar diretamente relacionada com a ocupação dos imigrantes judeus, de forma a caracterizá-la como um lugar tipicamente judaico, como uma colônia de imigrantes urbanos ou, ainda, como uma espécie de gueto (LIA; RUFFATO, 2019, p. 6).

A escolha por este bairro traz um simbolismo ainda mais forte para a trajetória de Sioma e sua família que mantiveram vivas suas raízes em um lugar de significativa importância, acolhimento e memória para os imigrantes judeus. Um dos bairros mais antigos da cidade, tem como característica principal, desde seu surgimento, ser um lugar agregador de diferentes culturas. Migrados, imigrantes, nômades, passantes, curiosos e nativos; todos tiveram seu espaço ali e ajudaram a compor as histórias do Bom Fim.

Os negros vindos da África como escravos que refugiavam-se na Redenção e depois, libertos, ocuparam diversos espaços, imigrantes europeus, entre eles, judeus de vários países, alemães e italianos foram compondo este mosaico de culturas. (NETTO, 2011, p. 5).

Foi na comunidade judaica que Nathan Breitman abriu seu primeiro estúdio, o “Photographia Aurora” (1927-1933) (POSSAMAI, 2006), que em seguida ficaria sob a liderança de Sioma.

Assim, no Bom Fim ele consolidou sua profissão como fotógrafo de estúdio, mas sua carreira seguiria outros rumos, sendo projetado como o principal fotógrafo das elites e figuras públicas, além dos eventos sociais. Nessas ocasiões, Sioma usava um equipamento pesado e pouco discreto (principalmente pelo uso do flash); sendo assim, ele pedia permissão para fotografar as pessoas nesses eventos sociais (MASSIA, 2008), para não causar nenhum tipo de desconforto aos seus fotografados (o que já demonstrava sua competência, sensibilidade e profissionalismo).

Em Porto Alegre manteve-se por um período como autônomo, trabalhando, muitas vezes, nos três turnos (MASSIA, 2008). Como consta em sua autobiografia,

conseguia diversificar seus trabalhos, ora trabalhando ao longo do dia no estúdio fotográfico, ora fazendo eventos sociais à noite. Era da vitrine de seus estúdios que Sioma via, caminhando na calçada, muito de seus personagens e “temas” para suas fotos, como comentou comigo seu neto, na conversa que tivemos. Lúcio conta que o avô convidava as pessoas - muitas delas indigentes, moradores de rua - e as levava para serem fotografadas em seu estúdio. Foi em um momento como esse que ele realizou um de seus retratos icônicos, de um morador de rua que passava na calçada (figura 6, f. 26). Além desse acontecimento, Lúcio conta com orgulho outra curiosidade a respeito da fotografia conhecida como “Súplica” (figura 7, f. 27):

Uma das histórias que eu tenho quase certeza que tá aqui (na autobiografia) mas pra mim foi uma das mais interessantes é de uma fotografia [...] tinha uma pessoa que veio tirar uma foto no estúdio, e ela tinha umas luvas, e aí ela tirou as luvas pras fotos, e esqueceu elas. Só que essas luvas tinham um formato, assim, elas eram tão usadas, que elas ficaram com o formato da mão da pessoa. E ele olhou aquelas luvas e resolveu tirar as fotos. Ele botou uma luz, e no final saiu uma fotografia maravilhosa. Se eu não me engano foi até premiada. Então essa é uma história, assim, que sempre me marcou, entre outras, mas essa é uma que eu acho bem bacana. (LÚCIO, 2022, entrevista).

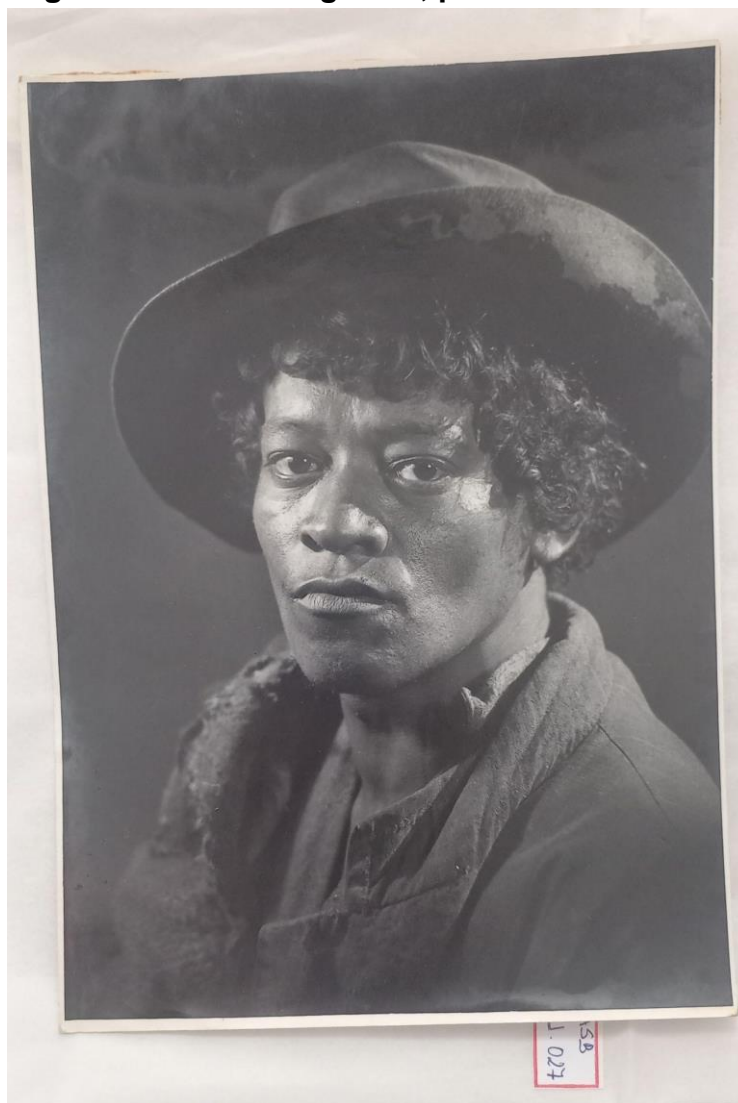
Sioma Breitman ficou tão satisfeito com o resultado da imagem, que a inseriu em uma exposição realizada em diversos países intitulada “Rio Grande do Sul através da fotografia e arte fotográfica”⁷ (anexo A, f. 52), de 1958. A partir dessa exposição, o fotógrafo revelou para o exterior a visão de seu novo país, o Brasil, mas, acima de tudo, o Rio Grande do Sul, terra em que se firmou com a família. Osvaldo Goidanich, diretor-gerente do *Touring Club* do Brasil à época e um dos colaboradores responsáveis por viabilizar essa viagem, comenta em um folder que faz parte do portfólio do artista, cedido a mim pelo Museu de Porto Alegre, a importância dessa exposição para a nossa cultura (a citação, embora longa, se faz necessária):

Sioma é um homem nobre e sensível. Foi a sua gratidão ao Rio Grande que o levou a tentar uma empresa que todos os governos até hoje jamais cogitaram ou realizaram: tornar a nossa terra conhecida

⁷ Essa exposição foi apresentada em Portugal, Espanha, França, Alemanha, Itália e Israel, no ano de 1958, de abril a setembro. Com essa mostra, Sioma apresentou um pouco do estado que escolheu viver, mostrando negativos sobre o Rio Grande do Sul assinados por ele. O fotógrafo contou com o apoio de entidades como o Conselho Estadual de Turismo, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e a Associação Rio Grandense de Imprensa. Ver: anexo A, f. 52).

no Exterior. Seus objetivos: Portugal, Espanha, França, Itália e Israel, todo um itinerário pelos países de adiantada cultura, onde ainda somos praticamente uns desconhecidos. O espírito largo e solidário de Sioma contou com a compreensão e a aprovação de entidades como o Conselho Estadual de Turismo, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e a Associação Rio Grandense de Imprensa. Afinal, tudo pronto, partiu para o Velho Mundo, levando consigo um magnífico retrato do Rio Grande em fotos e ampliações que revelam praticamente todo o complexo de atividades culturais, econômicas, sociais e folclóricas do pago gaúcho. (GOIDANICH, 1958 apud FOTOTECA SIOMA BREITMAN, 1958)⁸.

Figura 6 - “João Ninguém”, por Sioma Breitman



Fonte: acervo pessoal da família Breitman, reprodução pela autora (2023).

⁸ Ver: anexo A, f. 52).

Figura 7 – “Súplica”, por Sioma Breitman



Fonte: imagem retirada da autobiografia de Sioma Breitman, de 1976.

Os caminhos incertos de Sioma e sua família, e a busca por um recomeço em solo brasileiro, foram, de certa forma, determinantes para sua trajetória profissional; um homem com uma bagagem emocional intensificada pelos horrores da guerra, a imigração e readaptação em um novo país, fez sua visão de mundo ser transformada. Com essa visão e olhar apurado, seu legado ficou marcado, alguns anos depois de sua morte, na Fototeca do Museu de Porto Alegre, como abordarei na próxima e última seção deste trabalho.

3 O OLHAR DE SIOMA E A MUSEALIZAÇÃO DE SUAS COLEÇÕES

Partindo da analogia que Sioma costumava fazer ao dizer que a fotografia era como uma caça, na qual o retrato era o “alvo”, a máquina a “metralhadora” e o *click* um “tiro” (MASSIA, 2008, p. 135-136), apresento nesta terceira e última seção os olhares de Sioma; sua originalidade e versatilidade em expressar-se artisticamente, até mesmo a ousadia em abordar certos temas, a exemplo dos nus de modelos que fazia em seu estúdio, em meados dos anos 1950.

Além das diversas fases pelas quais transitou ao lado de sua câmera, predominantemente uma Rolleiflex (figura 8, adiante), apresento o processo de musealização das suas coleções que ficaram em um espaço importante no Museu de Porto Alegre, após doação da família: a Fototeca Sioma Breitman. Ela foi criada em 11 de dezembro de 1987, também em homenagem ao fotógrafo. A partir de então, seu acervo foi reunindo imagens dos mais importantes fotógrafos da cidade, que retrataram aspectos da vida cotidiana e das transformações urbanas de Porto Alegre do final da segunda metade do século XIX ao século XX, entre eles: Luis Terragno, Lunara, Virgílio Calegari, Irmãos Ferrari e Olavo Dutra.

Figura 8 - Sioma Breitman com sua Rolleiflex



Fonte: reprodução, Barros (2022).

A escolha do Museu de Porto Alegre como base para minha pesquisa sobre Sioma Breitman foi determinante: a relação da família Breitman com o Museu, bem como com a Prefeitura de Porto Alegre, é antiga. Inaugurada em 1979, na Rua Lobo da Costa, a instituição recebeu imagens fotográficas, reunidas desde 1940 pela Prefeitura de Porto Alegre. Em meados dos anos 1980, uma das ruas da capital gaúcha, transversal à Avenida Nilo Peçanha (Anexo B, f. 53), foi homenageada com o nome de Sioma Breitman (POSSAMAI, 2001). Foi esse gesto que motivou a família a doar parte da coleção fotográfica ao município, como conta o filho Samuel Breitman:

É o seguinte: nós, eu e meu irmão temos uma ligação muito grande com o museu e com a Prefeitura, desde que foi dado o nome do meu pai a uma rua de Porto Alegre. Rua Sioma Breitman, fica ali, é uma transversal da Nilo Peçanha, ali logo depois daquela rotatória, tem um posto de gasolina e tem o Grêmio Náutico União. Bom, quando a Câmara dos Vereadores apresentou esse projeto, foi apresentado pelo vereador Barbosa e foi dado o nome da rua. Quando foi inaugurada a placa da rua, nós entendemos de fazer uma doação para a Prefeitura para expressar o nosso júbilo por essa homenagem. Então, fizemos a primeira doação que constitui numa coletânea de mais de cem fotografias da Exposição Farroupilha. A Exposição foi em 35, meu pai fotografou e tinha aquela coleção. [...] Nós doamos, era o prefeito Villela. Ele destinou ao museu. Então, foi a primeira doação do museu. (POSSAMAI, 2001, p. 79).

Sob o ponto de vista histórico-documental, este acervo possui um valor inestimável para os cidadãos em nível local e regional sendo, muitas vezes, a única fonte de informação iconográfica para pesquisadores, profissionais da mídia, escritores e estudantes, especialmente para o contexto em que foram produzidas essas imagens.

Importante destacar aqui que alguns conceitos fundamentais sustentam a Museologia - que está sempre em constante evolução - e fornecem respostas objetivas àqueles que entendem o Museu como um lugar de relevância cultural para a sociedade. De acordo com André Desvallées e François Mairesse, entende-se que:

A musealização é a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em musealium ou musealia, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal. [...] Seja este um objeto de culto, um objeto utilitário ou de deleite, animal ou vegetal, ou mesmo algo que não seja claramente concebido como objeto, uma vez dentro do museu, assume o papel de evidência material ou imaterial do homem e do seu meio, e uma fonte de estudo

e de exibição, adquirindo, assim, uma realidade cultural específica (DESVALLES; MAIRESSE, 2013, p. 57).

Sendo assim, conforme mencionado anteriormente, Sioma Breitman ficou reconhecido mundialmente por meio de sua exposição “Rio Grande do Sul através da Fotografia e Arte Fotográfica”. Mas, seu destaque e talento só puderam ganhar tal notoriedade graças à totalidade de sua obra, marcada por fases distintas de sua carreira e que foram musealizadas por intermédio da família Breitman e pelo Museu de Porto Alegre, como será abordado nos seguintes parágrafos.

Essa relevância, especialmente para as memórias da sociedade porto-alegrense naquele período, certamente foi justificativa para a incorporação das imagens ao Museu de Porto Alegre.

No início dos anos de 1940 era comum - inclusive, sinal de deferência e elegância - as noivas da alta sociedade porto-alegrense serem retratadas nos estúdios fotográficos. É neste espaço que Sioma começa a trilhar um ofício promissor. Falar de Sioma Breitman e não associar seu nome às fotografias de noivas nesta época é quase um disparate. Conforme comenta o filho Samuel Breitman: “[...] Tinha uma época que ele era, aqui em Porto Alegre, o fotógrafo chamado pela sociedade. E até tinha um *slogan*, que o casamento sem juiz, padre e Sioma, não tá completo. Tinha que ser civil, religioso e fotográfico.” (POSSAMAI, 2001, p. 80).

Nessas fotografias, destacam-se as caudas dos vestidos muito bem posicionadas e artisticamente realçadas por Sioma (figura 9, f. 31). Segundo Andrea Pires, curadora de uma das exposições sobre o fotógrafo, ele possuía um jeito particular de direcionar suas modelos no ato da foto:

“Há uma característica nessas fotos. O Sioma pegava a noiva pelo braço e fazia ela girar. A cauda do vestido acabava realçada”, comenta Andrea Pires, curadora da mostra no Farol Santander. “Ele criou uma assinatura dele, nas fotos de noivas, a partir do detalhe da cauda do vestido. Havia uma competição: quem tivesse o vestido com a maior amplitude, com a maior cauda, maior era o status social. Isso fica visível nas fotos. Ele alinhava a modelo, dava uma torcidinha e criava o movimento.” (BARROS, 2022, online).

Em “Sioma: o papel da fotografia”⁹ (SIOMA, 2014), curta-metragem produzido através dos depoimentos de pessoas fotografadas por Sioma Breitman, é possível rememorar tais experiências por meio de relatos emocionados de personagens que conviveram ou tiveram a oportunidade de serem retratadas por ele, como seus dois filhos, Samuel e Irineu, algumas noivas da época, pessoas que o fotógrafo via nas calçadas e levava para seu estúdio, entre outros personagens. São narrativas que exaltam a potência que a fotografia tem de aproximar e deixar vivas essas memórias.

Figura 9 - Retrato de uma noiva da alta sociedade, por Sioma Breitman



Fonte: arquivo da Fototeca Sioma Breitman, Museu de Porto Alegre, sem data.

⁹ Curta-metragem de 2014, com direção de Eneida Serrano e Karine Emerich, financiamento pela Prefeitura de Porto Alegre e produção da Ph7 Filmes.

Figura 10 - Retrato de Lucila Di Primio, maio de 1953, fotografada em sua casa, por Sioma Breitman em sua casa



Fonte: acervo pessoal da família Breitman, reprodução pela autora (2023).

Figura 11 - Retrato de noiva, metade do século XX (1951)



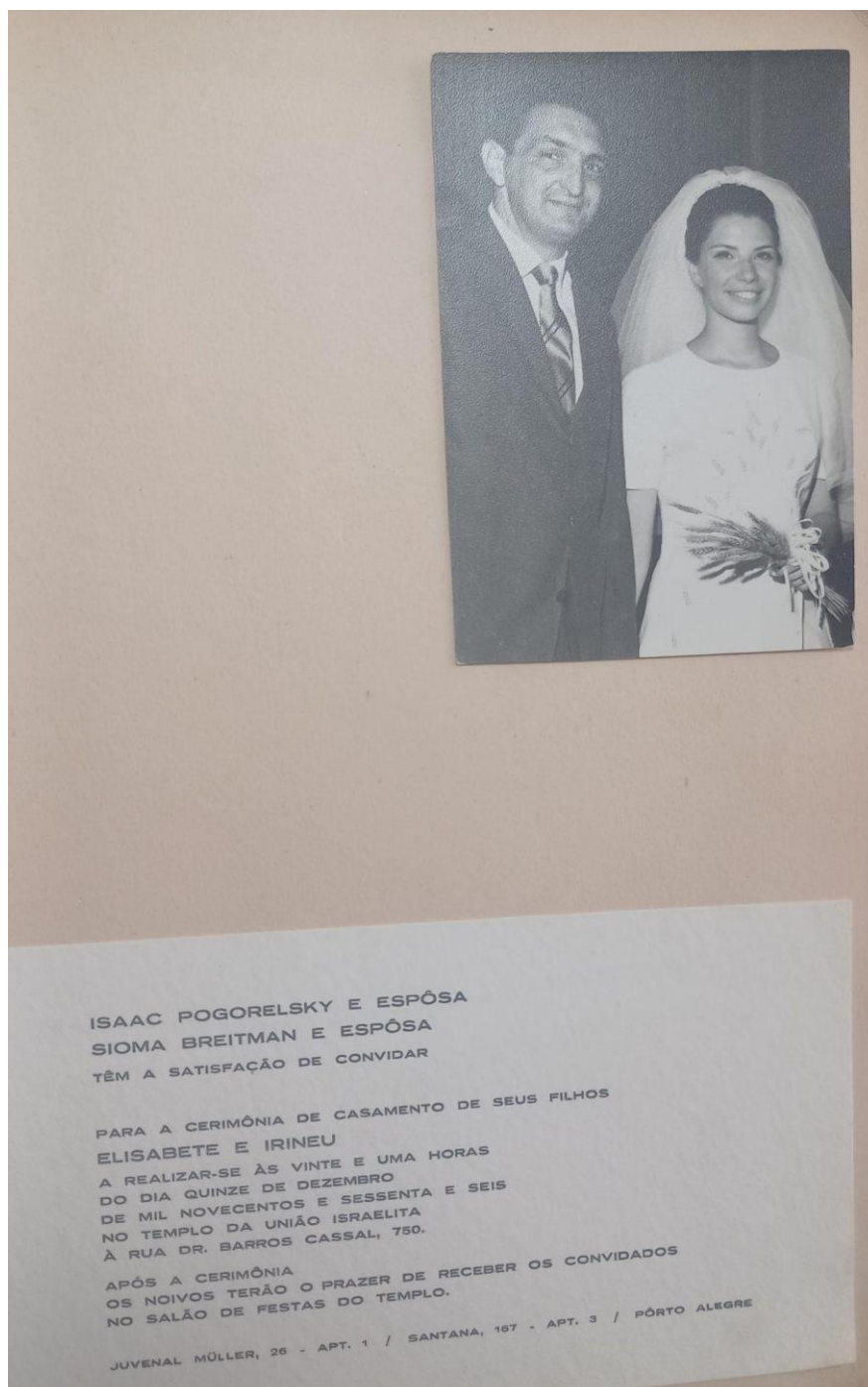
Fonte: arquivo da Fototeca Sioma Breitman, Museu de Porto Alegre (1951).

Figura 12 - Retrato de noiva, metade do século XX (1950/1960)



Fonte: arquivo da Fototeca Sioma Breitman, Museu de Porto Alegre (1950-1960).

Figura 13 - Retrato de Elizabete Breitman com seu marido, Irineu Breitman, filho de Sioma, na década de 1960



Fonte: acervo pessoal da família, reprodução pela autora 2023).

Além de exímio retratista e cronista social que era, Sioma esteve presente em alguns acontecimentos importantes de Porto Alegre, como a Exposição Farroupilha

de 1935¹⁰, eventos sociais, políticos, culturais - como as peças teatrais do Teatro São Pedro e performances artísticas das ruas. Algumas dessas imagens, contudo, permaneceram com a família, a exemplo das figuras 14 e 15 (f. 35 e 36).

Figura 14 - Artistas performáticos no Teatro São Pedro, Porto Alegre/RS



Fonte: acervo pessoal da família Breitman, reprodução pela autora (2023).

¹⁰ Segundo informações fornecidas por Karina Santos, responsável pela Fototeca Sioma Breitman desde 2015, estas imagens fotográficas não foram localizadas no Museu de Porto Alegre.

Figura 15 - Peça teatral, Teatro São Pedro, Porto Alegre/RS



Fonte: acervo pessoal da família Breitman, reprodução pela autora (2023).

Em 1941, o fotógrafo cobriu uma das tragédias que mais marcaram Porto Alegre: a enchente que assolou a capital gaúcha e que castigou a cidade por dias. Muitos fotógrafos na época registraram esse momento, porém foi Sioma quem se destacou; uma das fotos icônicas dessa tragédia foi publicada na capa da Revista do Globo e percorreu o país inteiro mostrando o drama dos moradores e a consequência das chuvas nas ruas da cidade (figuras 16 e 17, f. 37). Certamente pela importância histórica do ocorrido para a cidade, essas imagens foram doadas ao Museu.

Figura 16 - Enchente de 1941, em Porto Alegre I



Fonte: reprodução, Barros (2022).

Figura 17 - Enchente de 1941, em Porto Alegre II



Fonte: acervo Fototeca Sioma Breitman (1941).

Além desse acontecimento trágico, Sioma Breitman documentou uma Porto Alegre que muitas vezes ficava esquecida na pressa diária da vida dos cidadãos. Ele fez uso de suas experiências e culturas vividas para registrar imagens que iam muito além do seu aparelho; eram suas motivações, sensibilidade e olhar atento que faziam o resto do trabalho, acompanhando o crescimento da cidade e ajudando a construir o imaginário urbano moderno da sua época.

Suas imagens concentravam-se em pessoas comuns no exercício de seus ofícios nas ruas da cidade (figura 18 e 19, f. 39 e 40), passantes que se aproximavam de seu estúdio fotográfico, ou até o simples momento de contemplação em um Cais do Porto, trazendo uma certa poesia para a cena (figura 20, f. 40). O jogo de sombra e luz aliado às linhas arquitetônicas de uma escadaria (figura 21, f. 41) com a predominância da figura humana em sua total vulnerabilidade, legitimam a marca pessoal de Sioma, que priorizava uma única fonte de luz natural nos seus registros e a humanização das pessoas nessas condições adversas, tanto nas fotografias de rua quanto nas de estúdio.

Figura 18 - “Doca das frutas”, década de 1950



Fonte: acervo Fototeca Sioma Breitman (década de 1950).

Figura 19 - “Vendedor de balões”



Fonte: acervo Fototeca Sioma Breitman, sem data.

Figura 20 - “Cais do Porto”, século XX



Fonte: acervo Fototeca Sioma Breitman (século XX).

Figura 21 - “A margem de tudo”, 1950



Fonte: acervo Fototeca Sioma Breitman (1950).

Na Fototeca Sioma Breitman do Museu de Porto Alegre, a coleção do fotógrafo engloba um total de 85 fotografias disponibilizadas por sua família. São imagens que possuem relação direta com a cidade de Porto Alegre - as noivas que viviam aqui, as paisagens e a enchente de 1941, além de personagens icônicos da história do Rio Grande do Sul. Porém, muitas das imagens produzidas por Sioma pelo interior do estado e fora do país, quando viajava com a família ou a pretexto de suas exposições, a exemplo da “Rio Grande do Sul através da Fotografia e Arte Fotográfica”, mencionada anteriormente, não constam neste acervo.

De acordo com o sistema documental implementado pelo Museu a partir de 1998 e elaborado a partir de um software – o Donato 3.2, adotado pela Fototeca desde 2010 - desse total de 85 fotografias, 26 são retratos de noivas da década de 1950, apenas 2 fotografias ilustram a enchente de 1941, 31 das paisagens e monumentos de Porto Alegre, 22 retratos de figuras públicas, 2 de eventos sociais e 2 do Congresso Eucarístico do século XX (quadro 1, adiante).

Quadro 1 - Fotografias que compõem a coleção de Sioma, no Museu de Porto Alegre

Enchente (1941)		2
Noivas (décadas de 1940, 1950 e 1960)		26
Congresso Eucarístico (século XX)		2
Eventos sociais		2
Retratos (desconhecidos e figuras públicas)		22
Paisagens da cidade, monumentos		31
Total		85

Fonte: Fototeca Sioma Breitman.

No entanto, é importante ressaltar que a coleção do artista foi desmembrada ao longo do tempo - levando em consideração, claro, os motivos pessoais que levaram a família a permanecer com boa parte de fotografias inéditas dos arquivos pessoais de Sioma e a fazerem doações a terceiros. É de suma importância considerar, por exemplo o caso das fotografias da Exposição Farroupilha, sobre as quais não se conhece seu destino. Lamentavelmente é uma reflexão que deve ser feita e avaliada com crítica, tendo em vista a fragilidade das nossas instituições no que diz respeito à salvaguarda dos documentos escritos e visuais da memória de quem contribuiu culturalmente e artisticamente para nossa cidade.

Muito provavelmente, a família optou por doar apenas as fotografias relacionadas à cidade de Porto Alegre por consequência da homenagem que Sioma recebeu, em 1980, com uma placa em seu nome, conforme depoimento de Samuel Breitman. Foi um gesto de agradecimento da família a este ocorrido e que, de certa forma, dialogava com a trajetória profissional do artista na cidade em que escolheu viver e registrar por quase duas décadas.

Das grandes surpresas que tive ao longo do processo de descoberta das múltiplas facetas de Sioma foram os inéditos nus de mulheres que o fotógrafo produziu entre as décadas de 1940 e início de 1950. Conforme Karina Santos, responsável pelo núcleo de pesquisa da Fototeca Sioma Breitman, essas fotografias estavam guardadas nos acervos da família Breitman e uma parte delas pertence à coleção particular do fotógrafo Pedro Flores Filho. Em uma entrevista concedida ao Jornal do Comércio (BARROS, 2022), o fotógrafo comenta como essas fotos foram parar nas mãos de seu pai que, na época, era sócio de Sioma em um estúdio, o “Laboratório”:

Quando o Sioma morreu, o Irineu Breitman, filho dele, procurou meu pai e deu a ele uma caixa com um monte de negativos. Eram fotos de nus femininos. Ele disse para o meu pai: 'Pedro, eu não sei o que fazer com isso. Acho que a pessoa mais indicada para guardar isso és tu'. Conteí esse episódio agora para a Miriam, neta do Sioma, que guardou a maior parte do acervo dele. Ela disse: 'como é que o Irineu foi fazer uma coisa dessas?'. Na época, realmente, a gente não tinha noção do que era. (BARROS, 2022, online).

Essas fotografias nunca haviam sido expostas; porém, em junho de 2022 o Instituto de Fotografia e Arte da cidade de Canela, Serra Gaúcha, promoveu uma

exposição intitulada “TABU - Fotografias de Sioma Breitman”¹¹, com a curadoria de Fernando Bueno e Andrea Pires - ambos curadores da exposição “Sioma, o retratista de Porto Alegre”, ocorrida em fevereiro do mesmo ano, no Farol Santander em Porto Alegre - e em parceria de Pedro Flores Filho, quem doou essas fotografias inéditas dos nus (figuras 22, 23 e 24, f. 44, 45 e 46). Infelizmente essa exposição não contou com divulgação alguma da mídia e se manteve por pouco tempo no Instituto de Fotografia e Arte de Canela.

Figura 22 - Fotografia de nu artístico, por Sioma Breitman I



Fonte: acervo pessoal da família Breitman, reprodução pela autora (2023).

¹¹ A exposição ficou em cartaz de 3 a 31 de junho de 2022. Não houve divulgação em jornais ou televisão que se tenha registros, apenas nas mídias do próprio Instituto de Canela. Ver: www.canelainstituto.com.br; <https://www.facebook.com/canelainstituto/>; e <https://www.instagram.com/canelainstituto/>. Não obtive resposta dos curadores sobre esta exposição. Acesso em: 15 fev. 2023.

Figura 23 - Fotografia de nu artístico, por Sioma Breitman II



Fonte: acervo pessoal da família Breitman, reprodução pela autora (2023).

Figura 24 - Fotografia de nu artístico, por Sioma Breitman III



Fonte: acervo pessoal da família Breitman, reprodução pela autora (2023).

A questão velada dos nus retratados deixa margem para algumas indagações: quem eram essas mulheres que posavam para Sioma? Profissionais do sexo, amigas, modelos? Quais as intenções dele - em uma época conservadora como os anos 1940 e 1950 - ao fazer essas fotografias que, nas palavras de Pedro Flores Filho, “não eram imagens provocativas, vulgares e imorais”?

A intenção, assegura Pedro, não era chocar a sociedade, e sim reafirmar o papel de fotógrafo-artista que Sioma Breitman sempre revelou em seu trabalho:

Luz, enquadramento, cenário, posição da fotografada e outros detalhes, inclusive nas fotos com o nu frontal, remetem mais à contemplação do belo do que o pornográfico. São cerca de 60 negativos, feitos durante anos. No arquivamento desse material os negativos estão marcados com uma espécie de código, nomes subjetivos. Para não serem identificados mesmo. (BARROS, 2022)

Ainda complementa, observando a técnica e supostas influências de Sioma:

[...] de vez em quando ele assume um lado Pierre Verger, daqui a pouco vira Man Ray e assim vai. Ele gostava muito de fazer selfie, numa época em que isso não era comum. Porque fazer selfie de Rollei (câmera Rolleiflex), com tripé, não é para qualquer um. Ele tem uma mistura de construtivismo soviético e do modernismo alemão, a escola de arte Bauhaus, que tem a ver também muito com a cultura dele. (BARROS, 2022).

Ao pensar a trajetória de Sioma Breitman partindo do contexto local e inserindo-o em níveis de análise nacionais e internacionais, identifica-se que seu olhar lhe permitia transitar entre o tradicional, lançado sobre as fotografias da elite nos eventos em que participava, dos políticos e dos casamentos que fazia, e o moderno/transgressor, fazendo dele um fotógrafo engajado nas produções da arte fotográfica, fundamentadas, principalmente, nas produções dos retratos. Não à toa, o fotógrafo era conhecido pela sua capacidade de dar um “sopro de vida” ao retratado (MASSIA, 2008).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito de toda a curiosidade despertada sobre Sioma Breitman desde meu primeiro contato com suas fotografias, no início de 2022, ao visitar sua exposição no Farol Santander e ficar maravilhada com seu talento, não imaginava que iria desenvolver admiração, carinho e respeito ainda maiores por sua história de vida: o filho, o pai, o avô, o marido e o profissional que foi, que nunca se deixou abater pelo seu passado de luta e sacrifícios impostos de maneira cruel pela guerra. Pelo menos, não ao ponto de transparecer em sua autobiografia, onde revela suas memórias da maneira mais ponderada possível, cativando o leitor nos pequenos detalhes. A frase do poeta Manoel de Barros “a força de um artista vem das suas derrotas” (BARROS, 1996) se aplica significativamente a Sioma, sua trajetória de vida e, por consequência, ao seu trabalho.

Independente do lugar do mundo que estivesse, buscou trilhar um caminho afastado dos estigmas e estereótipos que carregava até então, onde já não era o ucraniano, o judeu e nem o imigrante; ele se tornava o fotógrafo Sioma Breitman. Claro que a soma de todas essas identidades assumidas durante sua vida influenciaram seu modo de pensar, agir e criar sua própria narrativa e seu olhar para a fotografia.

Essa visão de mundo de Sioma, no contexto histórico, cultural e político em que esteve inserido, apenas corroborou com meu pensamento a respeito do ofício de fotógrafo: se engana quem diz que basta apertar um botão e ter apenas o domínio técnico de um equipamento para fotografar; pelo contrário, se valer desse pensamento é descartar toda e qualquer teia de afetos, intenções e motivações que se deposita nesse processo. Como escreve sabiamente Sioma em sua autobiografia:

O aparelho, mesmo de altíssima classe, não é mais do que “ferramenta”, a qual sem gosto artístico e competência técnica, continua sendo “apenas uma ótima máquina” e nada mais. Os retratos e as fotografias que chamam a atenção e detém o transeunte frente às vitrines dos fotógrafos e nos salões de arte fotográfica, não são mais do que os resultados da reunião das capacidades do homem que está atrás da máquina, antes, durante e depois de utilizar-se da mesma”. (BREITMAN, 1976, p. 12).

Sendo assim, concluo este trabalho com a sensação de que pude contribuir um pouco e trazer Sioma para os nossos tempos, com sua imagem profundamente

atrelada ao Museu de Porto Alegre, onde pude aprofundar minhas pesquisas por meio de documentos e fotografias. Porém, tenho a consciência de que não falei tudo: Sioma Breitman foi multifacetado, trilhou por diversos meios, conheceu diversos mundos e pessoas, o que me fez recorrer a outros aportes metodológicos, como as entrevistas, vídeo (curta-metragem), depoimentos, teses e dissertações de pesquisadores e admiradores de sua vida e obra. Considerando que nem todas as imagens do fotógrafo foram musealizadas e que isso, inevitavelmente, deixa em aberto o legado de sua coleção completa para domínio público, é um aspecto que não abala por completo a perenidade e significância de suas fotografias e de sua relação com a cidade de Porto Alegre.

Memória, musealização, História e legado: talvez sejam essas palavras-chave que permeiam este trabalho acadêmico, e que me fazem ter orgulho do objeto de estudo que escolhi. Fui além de onde imaginei que iria chegar, desde o início, quando comecei o processo de escrita e busca sobre Sioma Breitman. A fotografia por si só carece de mais estudos, mais reconhecimento; assim, desejo que esses relatos possam servir de alguma maneira como base para futuros pesquisadores e admiradores, tanto de Sioma quanto da arte de fotografar e criar memórias.

REFERÊNCIAS

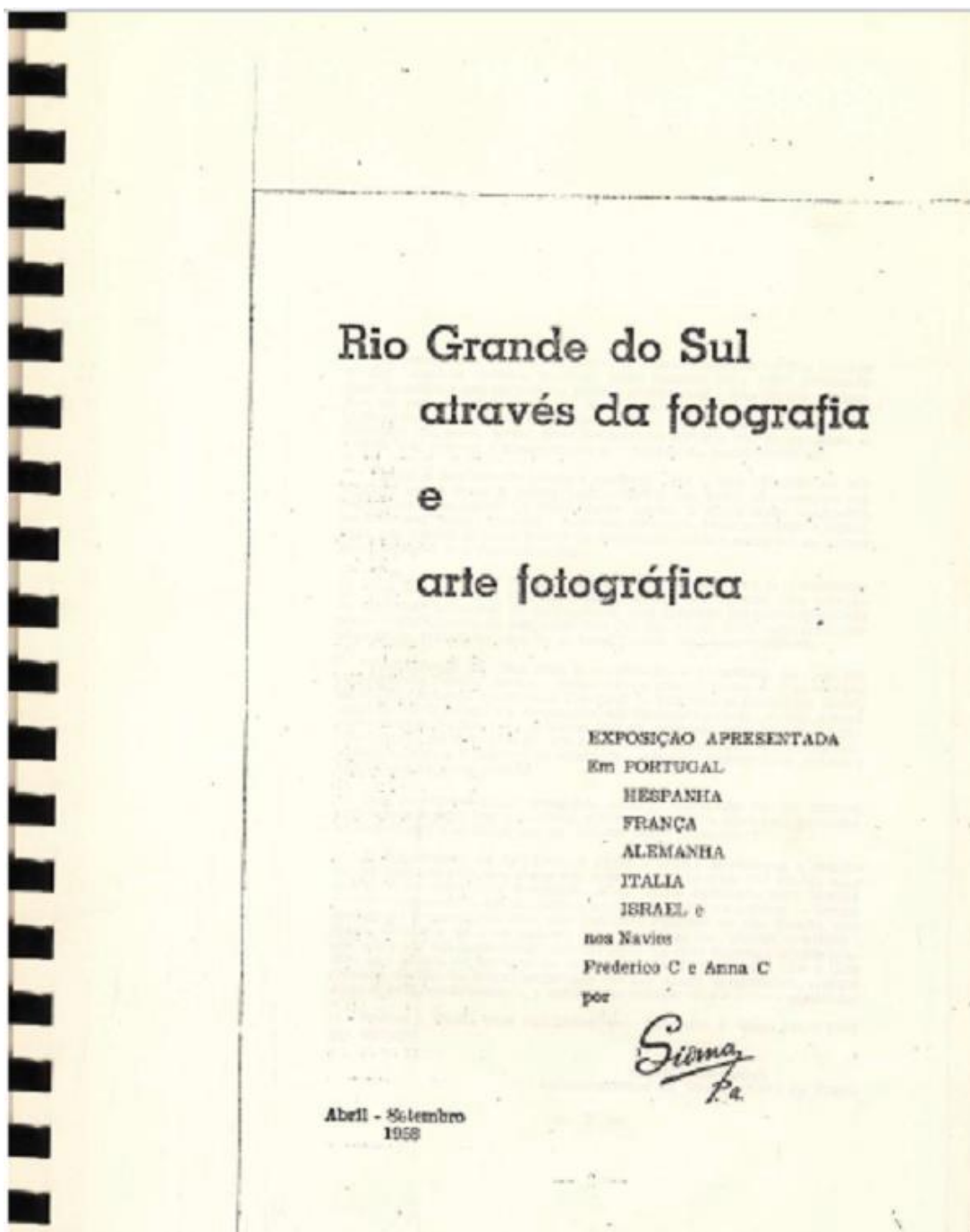
- BARROS, Higino. Sioma Breitman, o fotógrafo que retratou cinco décadas de Porto Alegre. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 13 abr. 2022. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/reportagem_cultural/2022/04/842214-sioma-breitman-o-fotografo-que-retratou-cinco-decadas-de-porto-alegre.html. Acesso em: 20 mar. 2023.
- BARROS, Manoel. **O livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 1996.
- BREITMAN, Sioma. **Respingos de revelador e rabiscos**. Porto Alegre: Irineu Breitman, 1976.
- BUENO, Fernando. [Relato]. Curadoria em Sioma, o retratista de Porto Alegre. Porto Alegre, fev. 2022.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- FILM'S NOT DEAD. **Robert Doisneau**: a pioneer of photojournalism. [S. l.], 14 abr. 2013. Disponível em: <https://www.filmsnotdead.com/robert-doisneau-a-pioneer-of-photojournalism/>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- GOTTFRIED, Rabino Adrián. O pão no Judaísmo. In: FERRAZ, João Grinspum (org.). **Museu do Pão**: caminho dos Moinhos. Ilópolis: Associação dos Amigos dos Moinhos do Vale de Taquari, 2008. p. 60-61.
- LIA, Christine Fortes; RUFFATO, Katani Maria Monteiro. Literatura e escrita autobiográfica como registro de experiências sensíveis: a trajetória de Sioma Breitman. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 19-36, 2019. DOI 10.17851/1982-3053.13.24.19-36.
- MASSIA, Rodrigo de Souza. **Fotógrafos, espaços de produção e usos sociais da fotografia em Porto Alegre nos anos 1940 e 1950**. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2271>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes**: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da UFF, 2008.
- NETTO, Carlos Alexandre. [Prefácio]. In: SCHMIDT, Benito Bisso; MUSEU DA UFRGS (org.). **Bom Fim**: um bairro muitas histórias. Porto Alegre: Museu da UFRGS; PROREXT, 2011.
- POSSAMAI, Zita Rosane. A grafia dos corpos nos espaços urbanos: os escolares no álbum biografia duma cidade, Porto Alegre, 1940. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p.129-148, 2015. DOI 10.1590/2236-3459/46286.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu**: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

POSSAMAI, Zita Rosane. O circuito social da fotografia em Porto Alegre (1922 e 1935). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 263-289, jan./jun. 2006. DOI 10.1590/S0101-47142006000100009.

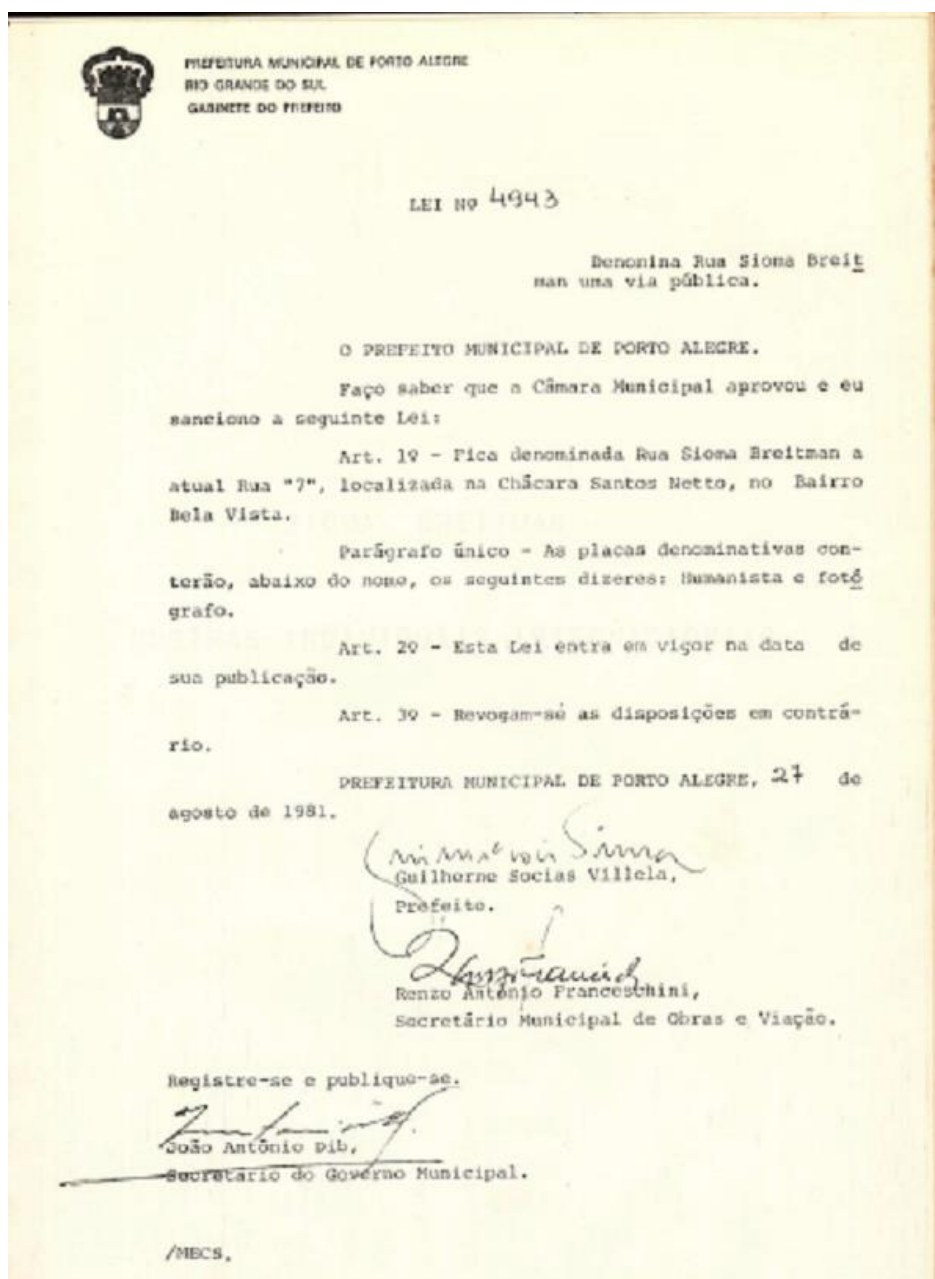
SIOMA: o papel da fotografia. Direção de Eneida Serrano e Karine Emerich. 2014. 1 curta-metragem, 15min.

ANEXO A – FOLDER PERTENCENTE AO PORTFÓLIO DE SIOMA BREITMAN
DE PROPRIEDADE DO MUSEU DE PORTO ALEGRE




Fonte: Fototeca Sioma Breitman (1958).

ANEXO B – APROVAÇÃO PELA PREFEITURA DE PORTO ALEGRE PARA A CRIAÇÃO DA PLACA LOCALIZADA NO BAIRRO RIO BRANCO COM O NOME DE SIOMA BREITMAN, EM 1981



Fonte: documento disponibilizado pela Fototeca Sioma Breitman (1981).

ANEXO C - TERMO DE RESPONSABILIDADE PARA UTILIZAÇÃO DE REPRODUÇÕES DE FOTOGRAFIAS DO ACERVO DO MUSEU DE PORTO ALEGRE



MUSEU DE
PORTO ALEGRE

Fototeca Sioma Breitman
www.museudeportoalegre.com

TERMO DE RESPONSABILIDADE PARA UTILIZAÇÃO DE REPRODUÇÕES DE FOTOGRAFIAS DO ACERVO DO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO

Eu, Isadora Medaglia Guarnier, portadora do CPF 03025021063 , na qualidade de pessoa física, telefone 51 991078992, e-mail: isadoramguarnier1234@gmail.com

DECLARO:

a) Utilizar as reproduções do acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo cujas referências vão relacionadas abaixo para única e exclusiva reprodução em: TCC da Museologia – UFRGS – Sioma Breitman

IMAGENS: 117f / 206f / 708f / 710f / 712f / 719f / 721f / 821f / 3146f / 3147f / 3149f / 3151f / 3155f / 3183f / 3187f

b) Estar de acordo em mencionar o crédito ao Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo por ocasião da sua utilização na forma: **“Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo/Crédito do fotógrafo”**;

c) Assumir o compromisso de não comercializar e utilizar as imagens em outros trabalhos, edições, tiragens e publicações que não os especificados na presente solicitação e não repassar a terceiros as reproduções que me foram cedidas;

d) Preencher novo termo de responsabilidade em caso de utilização diversa, das reproduções objeto deste termo;

e) Assumir inteira e exclusiva responsabilidade, no âmbito civil e penal, pela utilização das reproduções a qualquer tempo, bem como por danos materiais ou morais que possam advir do uso das reproduções fornecidas e das informações nelas contidas, de acordo com o previsto na Lei nº 9610/1998 (Lei de Direitos Autorais); nos art. 138 e 145 do Código Penal, que prevêem os crimes de calúnia, injúria e difamação; e no art. 5º, inciso X, da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, relativos à difusão de informações obtidas que, embora associadas a interesses particulares, digam respeito à honra e à imagem de terceiros, eximindo o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo de qualquer responsabilidade;

f) Obter diretamente com os autores e/ou retratados autorizações relativas a direitos autorais e de imagem, quando pertinente;

g) Estar ciente do pagamento de retribuição, de acordo com as finalidades declaradas no item "a", e dos valores pré-determinados.

Porto Alegre, 02 de março de 2023.

Isadora M. Guarnier

Solicitante

Raíssa Paula

Representante do Museu de Porto Alegre
Joaquim Felizardo

Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo (2023).

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES DE ENTREVISTA COM LÚCIO BREITMAN, EM DEZEMBRO DE 2022

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC
AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES**

Nome completo do(a) entrevistado(a):
Documento de identidade:

Autorizo _____ o(a) _____ estudante
_____ regularmente
matriculado no Curso de _____
Bacharelado em Museologia da
Faculdade de Biblioteconomia de Comunicação/UFRGS, sob o número (cartão
UFRGS) _____
00289627, a utilizar as informações por mim
prestadas na elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado

e
elaborado sob a orientação do(a) Prof.(a)

Zita Rosane Possamai
_____.

Fui esclarecido(a) sobre a natureza do trabalho e que as informações coletadas serão utilizadas com fins exclusivamente acadêmicos.

Porto Alegre, 07 de Dez. de 2022.

Assinatura do entrevistado

Fonte: elaborado pela autora (2022).

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Data da entrevista: 07/12/2022

Duração da entrevista: 35min

Local da entrevista: Bairro Auxiliadora, Porto Alegre/RS. Escritório de arquitetura de Lúcio Breitman

Dados de identificação do entrevistado

Nome: Samuel Breitman

Idade: x

Formação: Arquiteto

Local de nascimento: x

Ocupação: Arquiteto

As questões foram voltadas para a relação de Sioma Breitman com sua família, sua proximidade/relação com o(s) entrevistado(s), memórias afetivas e a trajetória dele como fotógrafo. Além de informações de como as fotos de Sioma Breitman se tornaram acervo do Museu de Porto Alegre:

1. Qual seu parentesco com Sioma Breitman?
2. Você chegou a conhecer e a conviver com ele? Se sim, me conte um pouco sobre esse período, essa relação;
3. O que você sabe sobre a trajetória dele, desde a chegada ao Brasil até se tornar um fotógrafo conhecido, principalmente no bairro Bom Fim?
4. Você chegou a ler a autobiografia dele? Se sim, quais acontecimentos da vida de Sioma mais ficaram na sua memória?
5. O que você sabe sobre a carreira internacional de Sioma e suas exposições no exterior? Para você, esse reconhecimento internacional influenciou em algum aspecto da carreira dele aqui no Brasil (se seus trabalhos ganharam mais prestígio, notoriedade, visibilidade...)?
6. Você saberia me dizer como o nome de Sioma chegou até o Museu Joaquim Felizardo? Como foram feitas as doações, por parte da família, de suas fotografias, e em que época ocorreram essas doações?
7. A sua família continuou com alguma coleção?

8. Sobre a exposição que ocorreu no Farol Santander, início deste ano: a família Breitman teve algum envolvimento em relação à curadoria e expografia? Se sim, poderia nos contar como foi?
9. A respeito da exposição TABU, ocorrida em Canela (junho de 2022), a família teve algum aviso e/ou informações prévias sobre a exposição? Chegaram a visitá-la?
10. Em relação ainda às fotografias dos nus, você sabia da existência delas e dessa outra “faceta” da carreira de Sioma Breitman? Como elas foram parar com o Pedro Flores (fotógrafo que tinha o domínio dessa coleção)?
11. Saberá me informar se essas fotografias continuam com o Pedro Flores?